

# BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN: 2446-7014

Rio de Janeiro, 06 de julho de 2017

Número 56



ESCOLA DE GUERRA NAVAL  
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA (NAC)

## BOLETIM GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal vinculada ao Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC) da Escola de Guerra Naval. O NAC possui o objetivo de acompanhar a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de ampliar o conhecimento por meio da elaboração deste boletim, além de outros produtos que porventura venham a ser demandados pelo Estado-Maior da Armada.

Para isso, o grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas de conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporciona uma análise ampla de contextos e cenários geopolíticos e, portanto, um melhor entendimento dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como, seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Esse Boletim tem como objetivo publicar artigos compactos tratando de assuntos da atualidade e, eventualmente, de determinados temas de caráter geral sobre dez macrorregiões do Globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ainda, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”, voltada a artigos que abordam assuntos não relacionados, especificamente, a uma das regiões supracitadas.

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do Núcleo de Avaliação da Conjuntura e submeta seu artigo contendo, no máximo, 350 palavras ao processo avaliativo. A avaliação é feita por pares, sem que os revisores tenham acesso ao nome do autor (*blind peer review*). Ao fim desse processo, o autor será notificado via e-mail de que seu artigo foi aceito (ou não) e que aguardará a primeira oportunidade de impressão.

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil (21) 2546-9394  
E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)  
Aos cuidados do Editor Responsável do Boletim Geocorrente.

## CONSELHO EDITORIAL

Editor Responsável  
*Leonardo Faria de Mattos (EGN)*

Editor Científico  
*Francisco Eduardo Alves de Almeida (EGN)*

Editores Adjuntos  
*Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)*  
*Luciane Noronha Moreira de Oliveira (EGN)*  
*Noele de Freitas Peigo (FACAMP)*

## Pesquisadores do Núcleo de Avaliação da Conjuntura

<i>Adriana Escosteguy Medronho (EHSS)</i>	<i>Karine Fernandes Santos (UFRJ)</i>
<i>André Figueiredo Nunes (ECEME)</i>	<i>Lais de Mello Rüdiger (UFRJ)</i>
<i>Ariane Dinalli Francisco (Universität Osnabrück)</i>	<i>Larissa Marques da Costa (UFRJ)</i>
<i>Beatriz Mendes Garcia Ferreira (UFRJ)</i>	<i>Louise Marie Hurel Silva Dias (PUC - Rio)</i>
<i>Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (UFRJ)</i>	<i>Luciane Noronha Moreira de Oliveira (EGN)</i>
<i>Catharine Simões (UERJ)</i>	<i>Luma Teixeira Dias (UFRJ)</i>
<i>Daniel Santos Kosinski (UFRJ)</i>	<i>Marcelle Siqueira Santos (UERJ)</i>
<i>Dominique Marques de Souza (UFRJ)</i>	<i>Marcelle Torres Alves Okuno (IB-MEC)</i>
<i>Ely Pereira da Silva Júnior (UERJ)</i>	<i>Matheus Souza Galves Mendes (EGN)</i>
<i>Franco Aguiar de Alencastro Guimarães (PUC - Rio)</i>	<i>Pedro Allemand Mancebo Silva (UFRJ)</i>
<i>Gabriela Mendes Cardim (UFRJ)</i>	<i>Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Universidade de Santiago)</i>
<i>Gabriela da Conceição Ribeiro da Costa (UERJ)</i>	<i>Pedro Mendes Martins (UERJ)</i>
<i>Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)</i>	<i>Philipe Alexandre Junqueira (UERJ)</i>
<i>Giuliana Bessa Reis Anveres (Puc-Rio)</i>	<i>Rebeca Vitória Alves Leite (UFRJ)</i>
<i>Jéssica Pires Barbosa Barreto (UERJ)</i>	<i>Rita de Cássia Oliveira Feodrippe(EGN)</i>
<i>João Victor Marques Cardoso (UFF)</i>	<i>Stefany Lucchesi Simões (UNESP)</i>
<i>José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)</i>	<i>Taynara Rodrigues Custódio (UFRJ)</i>
	<i>Thaïs Abygaëlle Dedeo (UFRJ)</i>
	<i>Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFRJ)</i>
	<i>Vinicius de Almeida Costa (EGN)</i>
	<i>Vinicius Guimarães Reis Gonçalves (UFRJ)</i>
	<i>Vivian de Mattos Marciano (UFRJ)</i>

Os textos contidos nesse Boletim são de responsabilidade única dos pesquisadores do NAC, não retratando a posição da Escola de Guerra Naval e nem da Marinha do Brasil.

## SUMÁRIO

- |   |   |
|---|---|
| • Paraguai: fronteira e narcotráfico.....(Pág. 2)   | • O "Seaborn Assault" e a Frota do Pacífico russa.....(Pág. 7)            |
| • O recrudescimento violento na Venezuela de múltiplas crises.....(Pág. 2)                | • A China e sua corrida espacial.....(Pág. 7)                             |
| • Estados Unidos e Cuba na Era Trump.....(Pág. 3)   | • Moonshine e Trump Policy frente à estratégia norte-coreana.....(Pág. 7) |
| • Entre a Bíblia e o Corão, República Centro-Africana vive catástrofe étnica.....(Pág. 3) | • O terrorismo no Sudeste Asiático.....(Pág. 8)                           |
| • Da Líbia à Itália, a crise migratória.....(Pág. 4)                                      | • A Índia e o revigoramento do Link West.....(Pág. 8))                    |
| • Crise no Golfo: impactos de um isolamento ao Catar.....(Pág. 5)                         | • A Rota da Seda e o Ártico.....(Pág. 9)                                  |
| • União Europeia: um embrião de uma defesa mais autônoma.....(Pág. 6)                     | • Artigos selecionados e notícias de Defesa.....(Pág. 10)                 |
|   | • Referências..... (Pág. 11)  |

## Paraguai: fronteira e narcotráfico

*Carlos Henrique*

As palavras “fronteira” e “limite” apresentam uma sutil diferença. Esta última deve ser entendida como o fator de separação entre unidades políticas soberanas, uma representação intrinsecamente cartográfica, enquanto a primeira deve ser entendida como uma zona de comunicação. Essa zona de comunicação é bem representada pelo que se conhece como “cidades gêmeas”, ou seja, cidades localizadas nas linhas de fronteira, com potencial de integração econômica e cultural.

Contudo, como reflexo das políticas públicas direcionadas para os centros urbanos, as cidades em linha de fronteira tendem a ser negligenciadas, possibilitando eventos como o ocorrido em abril na Ciudad del Este, no Paraguai - gêmea de Foz do Iguaçu, no Brasil: o assalto a uma empresa de transporte de valores, o maior assalto da história do país, sendo este perpetrado pela maior facção criminosa do Brasil, o Primeiro Comando da Capital (PCC).



Foto: Núcleo Estadual para o Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira

O acontecimento desperta preocupações relativas à expansão da atuação de grupos ligados ao narcotráfico para além das fronteiras nacionais, dada a porosidade destas e as vantagens existentes nos territórios vizinhos. O Paraguai é um dos maiores produtores de maconha do mundo e a Bolívia, o terceiro maior de cocaína da América do Sul - ao ganhar força nesses países, o PCC encurtaria a cadeia logística das drogas - e, apesar do Uruguai e da Argentina não serem grandes produtores, revelam-se bons mercados de consumo.

Em 2016, o assassinato de Jorge Rafaat Toumani, empresário brasileiro que comandava o narcotráfico na fronteira, também fora atribuído ao PCC. Assim, a facção poderia ocupar o papel de liderança no tráfico de drogas e de armas na cidade de Pedro Juan Caballero, gêmea da brasileira Ponta Porã, importante ponto de distribuição para os mercados vizinhos. A cidade paraguaia também é a capital do departamento de Amambay, que conta com a presença da Força Tarefa Conjunta (FTC) no combate à guerrilha “Exército do Povo Paraguai” (EPP), desde 2013. Ainda que não haja ligações concretas, a presença dos dois grupos na mesma região deve despertar a atenção da comunidade sul americana, vide o histórico de guerrilhas associadas ao narcotráfico, em nosso continente.

## O recrudescimento violento na Venezuela de múltiplas crises

*Adriana Escosteguy Medronho*

Em março, após a condenação da decisão do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) sobre a transferência dos poderes da Assembleia Nacional (AN) ao STJ, a estratégia governista reforçou algumas dissidências no interior de sua base chavista. O país completou, no fim de junho, três meses de múltiplas manifestações civis cujo escalonamento da violência provocou números extremos de mortos – estimados em 80 até então. Com o objetivo de tentar conter a crise político-institucional, o Presidente Nicolás Maduro anunciou a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte (ANC), em maio. Entretanto, o Executivo não fora claro quanto à incorporação da oposição na composição dos membros da Constituinte, recrudescendo as tensões entre governo e AN.

Frente ao cenário de “crise humanitária”, declarado por ambas AN e a ONU, a convocação da reunião dos chanceleres da Organização dos Estados Americanos (OEA) para tratar o assunto provocou forte reação de Caracas, que iniciou o procedimento de saída da organização em abril. O desgaste internacional que isola o país em termos de apoio político – obtido tradicionalmente através da “diplomacia petroleira” – não foi suficiente,

entretanto, à angariação dos 23 votos necessários à condenação das ações do governo pela OEA (foram 20 votos a favor, incluindo Estados Unidos, Brasil, Canadá e México; oito abstenções, como Equador e El Salvador; cinco contra, incluindo Nicarágua e Bolívia; e uma ausência, da própria Venezuela). A derrota da votação atesta a dificuldade da resolução multilateral da crise a nível regional, bem como, o peso que o petróleo venezuelano ainda exerce, em especial, nos países caribenhos.

Em 27 de junho, um ataque ao STJ por um helicóptero roubado da Polícia Científica, pilotado pelo investigador de polícia Oscar Pérez, longe de representar uma dissidência nas Forças Armadas Nacionais (FAN), não obteve apoio público de nenhuma unidade militar. Contrariamente, Maduro ativou as FAN para garantir a ordem no território, denunciando ser vítima de oposição “antidemocrática e violenta”. Especulações sobre o ataque reforçaram o discurso voluntarista do governo, que o atribui a “forças externas” visando ingerência interna. Essa estratégia, somada à incapacidade de ação da OEA, avigora o contexto de crise humanitária e reitera a escassez de recursos necessários à ação efetiva da oposição nacional. Esta, ademais, não contando atualmente com importantes dissidências chavistas ou com o apoio das FAN, dificilmente obterá progressos a curto prazo, se mantiver seu posicionamento.

## AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

### Estados Unidos e Cuba na Era Trump

*Marcelle Santos*

Em meados de junho, o Presidente Donald Trump declarou que iria reverter totalmente os acordos dos Estados Unidos com Cuba firmados durante o governo Barack Obama. Os acordos só beneficiam a ilha, segundo Trump. A retórica não é totalmente falsa, entretanto, não é possível desfazer uma tratativa diplomática em segundos, em um país com mecanismos internos bem institucionalizados.

A importância de Cuba não deve ser desprezada: a ilha possui uma população de mais de 11 milhões de pessoas, a maior entre os países do Caribe e sua capital, Havana, com mais de 2 milhões de habitantes, fica localizada a apenas 367km de Miami, nos EUA. Além disso, estima-se que, aproximadamente, 2 milhões de cubanos e descendentes estejam morando em território norte-americano. Segundo o site *Global-firepower*, Cuba é considerada a 9ª potência militar da América Latina, sendo a maior entre os países da América Central e Caribe. Desde 1959, quando do alinhamento do país com a União Soviética, e depois, em 1962, na Crise dos Mísseis, as relações Cuba-EUA foram cortadas e uma série de acordos diplomáticos foram suspensos, além do embargo econômico ao país. Em 2014, o então Presidente Barack Obama, concluindo tratativas secretas que havia realizado com o governo cubano, retomou a diplomacia com o mesmo. O ex-presidente sofreu duras críticas por parte da população dos EUA, que considera Cuba um governo comunista e ditatorial, mas conseguiu avanços, inclusive com a reabertura das respectivas embaixadas.

A curto prazo, estima-se que as relações entre os dois países se mantenham as mesmas. Apesar disso, o discurso agressivo de Trump incomoda e o governo cubano afirma que irá responder no mesmo tom. Cabe lembrar que o Presidente Raúl Castro se comprometeu a deixar o poder em fevereiro de 2018 e esta poderá ser uma oportunidade para que os cubanos elejam novos líderes, mudando o rumo do país. Entretanto, com as atitudes de Trump, o atual governo cubano pode eleger seus candidatos, utilizando-se exatamente dos discursos inflamados do governante norte-americano. Como afirma Joseph Tulchin, especialista em relações Estados Unidos-América Latina, “não esperem nada de Trump em relação à América Latina”.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

### Entre a Bíblia e o Corão, República Centro-Africana vive catástrofe étnica

*Gabriela Cardim*

A República Centro-Africana (RCA), ex-colônia francesa, localizada no coração do continente africano, tem passado por uma grave crise interna de caráter étnico. O país, com uma população de quase cinco milhões de habitantes e matriz econômica agrícola, tem protagonizado uma guerra civil há cerca de quatro anos.

Em 2013, o grupo rebelde Séléka, marchou pela capital do país, Bangui, e depôs o então Presidente François Bozizé do poder, obrigando-o a fugir para Camarões. Os embates entre o governo e a oposição já datavam do ano anterior. Entre as motivações dos Séléka, figuravam a implementação do Diálogo Político Inclusivo (IPD, em inglês), a recompensa financeira aos rebeldes, a liberdade aos presos políticos e a abertura da investigação de crimes cometidos no passado. O controle sobre a produção e venda de diamantes, ao norte do país, também é cogitado como razão de divergência entre o governo e os rebeldes.

A reação à tomada de poder não demorou: formaram-se milícias de autodefesa chamadas de antibalakas, compostas por cristãos camponeses e o conflito escalou, assumindo um caráter religioso. No ano seguinte, com a ajuda do Exército nacional, o agrupamento cristão retirou o líder Séléka – Michel Djotododia - do poder. O que a República Centro Africana tem assistido, desde então, é um ciclo de vingança e violência entre cristãos e muçulmanos, denunciado pela Anistia Internacional como uma limpeza étnica contra os islâmicos.

Embora o país conte com a presença de uma missão de paz da ONU, a Missão Multidimensional Integrada para estabilização da República Centro-Africana das Nações Unidas (MINUSCA, sigla em inglês), e um acordo de paz tenha sido assinado entre as partes para o cessar-fogo, a própria ONU demonstrou, no último dia 30, preocupação com a “renovação da violência” no país. Os números do conflito também preocupam: são mais de 500 mil deslocados internamente e outros 500 mil de refugiados em países vizinhos como Camarões, República Democrática do Congo, República do Congo e Chade.

Ao analisar o panorama regional, é importante lembrar a situação da República Democrática do Congo, país vizinho à RCA, que também tem sofrido com lutas internas e grande deslocamento de pessoas (Boletim 54). A estabilização da região central do continente africano representa, portanto, um desafio à comunidade internacional e um agravante para a crise de refugiados pelo qual passa o continente.

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

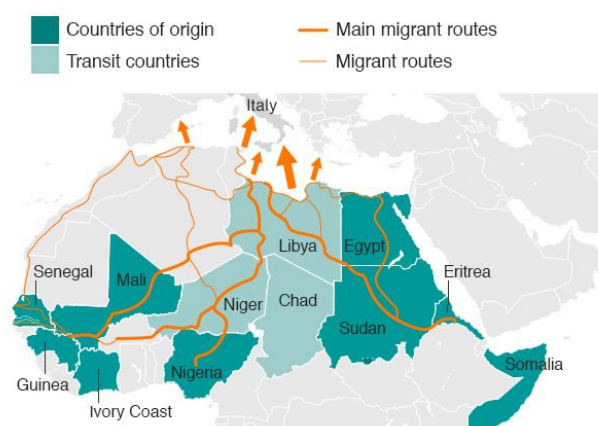
### Da Líbia à Itália, a crise migratória

*Karine Fernandes*

Desde janeiro, aportaram na costa sul italiana em torno de 90 mil imigrantes, cerca de 20% a mais que no mesmo período do ano passado. A ida para a Itália pelo Mediterrâneo Central, a partir da Líbia, representa 90% de todos os imigrantes ilegais que chegam naquele país, principalmente, por grupos de imigrantes originários do Iraque, do Sudão e do Oeste da África, que migram para a Líbia em busca de melhor qualidade de vida, mas que acabam encontrando uma situação instável e possibilidades de emprego limitadas.

São dois os tipos de imigrantes que chegam à Líbia: há aqueles que a utilizam como meio de travessia para a Europa e os que buscam residência permanente. Devido a grande instabilidade do país, após a queda do regime ditatorial de Muammar Kadhafi, “mercados de escravos” surgiram e os imigrantes permanentes são, muitas vezes, suscetíveis a trabalhos forçados ou à exploração sexual. Consequentemente, diversos grupos desistem de permanecer no país e optam pela arriscada travessia do Mediterrâneo. Em relação a este trecho, são comuns os casos de roubo de motores de barcos de imigrantes, que os deixam à mercê do mar. A esperança de que os esforços da União Europeia para reforçar a Guarda Costeira líbia é o que também justifica a partida de barcos repletos de imigrantes. Vale destacar que estes são classificados como migrantes econômicos ao invés de refugiados de guerra.

#### Central Mediterranean migrant routes



Source: Unicef

BBC

Foto: BBC

No início deste ano foi assinado um acordo entre a Líbia e a Itália com o objetivo de incrementar a capacidade de monitoramento das águas territoriais por meio do treinamento da Guarda Costeira líbia e com o fornecimento de meios navais ao país. No último mês de junho, Trípoli resgatou barcos com mais de 300 migrantes; no entanto, ainda há incertezas sobre a capacidade do país em acolher essas pessoas de forma correta, devido à instabilidade política que enfrenta. No dia 1º de julho, o Ministro do Interior italiano, Marco Minniti, chegou a ameaçar fechar os portos italianos para a entrada de navios estrangeiros transportando migrantes ilegais da África. “Estamos no limite, essa questão não pode ser apenas problema da Itália”, afirmou o ministro.

A crise migratória pode ser entendida como um produto da desigualdade socioeconômica que existe entre os países, e a falta de medidas concretas torna este problema uma crise sem previsão de término e nem de intensidade.

## Crise no Golfo: impactos de um isolamento ao Catar

André Nunes

No dia 5 de junho, Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos (EAU) – membros do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) – Egito, Iêmen, Maldivas, e o governo oriental da Líbia (com capital em Tobruk) cortaram laços diplomáticos com o Catar. Além disso, foi imposto um bloqueio terrestre, marítimo e aéreo às atividades de Doha, com o intuito de isolar o país. Já Omã e Kuwait, também membros do CCG, mantiveram suas relações com o Catar.

Doha é acusada pelos países da região de apoiar, financiar e providenciar abrigo para militantes de grupos terroristas como o Estado Islâmico, a Irmandade Muçulmana e a al-Qaeda. Ademais, uma suposta declaração feita pelo Emir do Catar, Tamim bin Hamad al-Thani, pela Qatar News Agency (QNA), no fim de maio, não foi bem recebida por seus vizinhos. Nesta, o Emir supostamente aceitava o Irã como uma potência islâmica, afirmava não haver razão para que os países árabes fossem hostis com Teerã, admitia boas relações com Israel e reconhecia o Hamas como representante oficial dos palestinos. As declarações de al-Thani não foram confirmadas como oficiais pelo governo, que afirmou que o site da QNA havia sido “hackeado” e que o país teria sido vítima de uma campanha injusta para associá-lo ao terrorismo.

O Catar possui importância regional por hospedar a maior base militar dos Estados Unidos no Oriente Médio e também uma turca, inaugurada em abril deste ano. Aliado a isto, é detentor da terceira maior reserva de gás natural, além de ser o maior exportador de gás natural liquefeito do mundo. Ainda no âmbito regional,

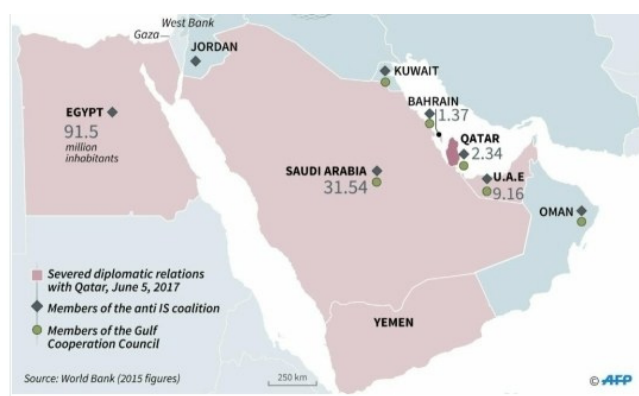


Foto: World Bank

mesmo que sua relação com Teerã não seja bem vista por outros Estados árabes, o fato de ambos compartilharem a exploração de um dos maiores campos *offshore* de gás do mundo – South Pars/North Dome – de onde é extraído o principal produto da pauta de exportação de ambos, dificulta qualquer cerceamento político ao vizinho persa.

O isolamento do Catar pode contribuir para um maior estreitamento de laços diplomáticos com o Irã, com quem Doha já possui um acordo de defesa firmado desde 2010, pois o país tem se mostrado solícito para atender às demandas cataris advindas do bloqueio liderado pelos sauditas. A solução para esta crise dependerá muito da postura dos EUA, tradicional aliado saudita e opositor do regime iraniano. Até o momento, foram divulgadas apenas notas diplomáticas e algumas declarações do Secretário de Estado, incentivando o diálogo entre as partes.

## União Europeia: o embrião de uma defesa mais autônoma

*Thais Dedeo*

Pela primeira vez, a União Europeia (UE) busca desenvolver um plano de defesa concreto a nível europeu. Embora os investimentos sejam modestos em comparação aos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), eles marcam uma mudança na formulação da defesa europeia face à imprevisibilidade do Brexit e de Washington. Duras críticas foram feitas pelo Presidente Trump à OTAN, considerada pelo mesmo como obsoleta, e aos aliados europeus por não cumprirem com a meta dos 2% de seus orçamentos em questões de defesa. Em resposta, haverá um aumento dos gastos de 4,3% em 2017 de acordo com o Secretário Geral da OTAN Jens Stoltenberg.

Na última reunião em Bruxelas, dia 22 de junho, foi discutido o futuro da defesa de UE, tendo sido decidido o desenvolvimento em conjunto de equipamentos militares como drones e sistemas de defesa cibernéticos a nível europeu. A Comissão Europeia instituiu um Fundo Europeu de Defesa, que irá gerar € 5 bilhões em investimentos, por ano, até 2020, promovendo, assim, a cooperação entre os Estados-membros e investindo em equipamentos e tecnologias comuns de defesa. O objetivo é desenvolver capacidades e garantir uma base competitiva, inovadora e equilibrada para a indústria de defesa do bloco, reforçando a autonomia nessa área, complementarmente à OTAN.

Apesar de todas as turbulências envolvendo a UE, há expectativas otimistas em relação ao seu futuro devido ao novo dinamismo do eixo franco-alemão. O novo Presidente francês, Emmanuel Macron, tem dado maior destaque à França no cenário internacional, assumindo uma clara posição a favor da UE e de temas globais como o Acordo de Paris para o Meio Ambiente, recém descartado pelo presidente norte-americano, e tudo leva a crer que a Chanceler Angela Merkel será reeleita nas eleições da Alemanha, em setembro. Porém, na área da defesa, há dúvidas sobre a real capacidade da Europa em lidar com esse aumento de custos requisitado pela OTAN, que num primeiro momento, será mais favorável às preocupações dos países bálticos em relação a Rússia. A questão latente é: a UE não deveria alocar esses recursos para questões internas mais emergentes, como a ameaça terrorista e a crise migratória, a partir de uma estrutura de defesa europeia, ao invés de por meio da OTAN, que prioriza as questões externas, em particular, a ameaça russa?

## RÚSSIA E EX-URSS

### O “Seaborn Assault” e a Frota do Pacífico russa

*Pedro Martins*

No dia 30 de junho, a equipe da Escola de Alto Comando do Distrito Militar do Extremo Oriente russo ganhou a competição preparatória para o exercício “*Seaborn Assault*”, a ser realizado no âmbito do “*International Army Games*”, competição anual de forças militares que prevê o envolvimento de delegações de 28 países, dentre os quais Rússia, Índia, China, Israel, Venezuela e Síria. A edição de 2017 ocorrerá no território de 4 países: Rússia, Cazaquistão, China e Azerbaijão.

A competição foi criada em 2015 como forma de testar os equipamentos militares, adestrar os soldados e divulgar os armamentos da importante Indústria de Defesa russa. Uma das competições de especial interesse é a supracitada “*Seaborn Assault*”, que consiste em uma série de corridas com fuzileiros navais e veículos de desembarque anfíbio. Ela é realizada na região de Primorsky Krai, próxima de Vladivostok, sede da Frota do Pacífico russa .

A Frota do Pacífico, que teve o ápice da sua projeção de poder, com o Almirante Gorshkov, na década de 1970, foi a mais atingida após o desmantelamento da União Soviética, posto que perdeu grande parte da sua capacidade de projetar poder em águas azuis. Atualmente, Moscou tenta modernizar a Frota do Pacífico com a inclusão dos submarinos de propulsão nuclear da classe Borei, bem como o comissionamento da nova corveta da classe Steregushchy, ainda em 2017.

Entretanto, apesar do esforço por parte do Kremlin de modernizar e aumentar o poderio naval russo na região, esse é limitado tanto pelo tamanho do orçamento destinado à defesa - 66 bilhões de dólares, ante os 216 bilhões destinado à defesa pela China -, como pelas restrições impostas pela crise econômica e a dificuldade de captar investimentos devido às sanções ocidentais.

A competição em Primorsky Krai, além de servir para divulgação da indústria bélica russa, em especial no mercado asiático, também serve como um sintoma da modernização e o subsequente aumento do poderio naval russo no Pacífico, área de grande tensão mundial no momento, com o cada vez mais ativo programa nuclear norte-coreano.

## A China e sua corrida espacial

*Rita Feodrippe*

Criado em 2004, o Programa de Exploração Lunar lançou sua primeira missão em 2007 e planejava a “Chang’e 5” para o fim deste ano. Porém, as preparações para enviar um chinês à Lua até 2036 talvez tenham sido atrasadas. No domingo, dia 02 de julho, Pequim enfrentou uma falha inesperada no lançamento de um foguete, que pode afetar futuros projetos espaciais.

Ainda assim, o avanço espacial permanece prioridade para a China. O setor divide responsabilidades com a Administração Estatal de Ciência, Tecnologia e Indústria para Defesa Nacional, promovendo a integração entre grupos militares e civis. Pretende-se equivaler o país a Estados Unidos e Rússia, a partir da exploração de tecnologias duais que protejam linhas de comunicação e segurança. O Livro Branco de Exploração Espacial chinês, atualizado em 2016, destaca três áreas-chave: satélites, estação tripulada e investigação do espaço profundo, que inclui o projeto lunar. Nestes esforços, 2017 marca o início do treinamento da terceira geração de astronautas chineses, que terá de 10 a 12 pessoas, incluindo duas mulheres.

Buscando trabalhar com outras instituições, a China discute com a Agência Espacial Europeia a construção conjunta de uma vila na Lua. Cooperação e segurança nacional são, portanto, dois elementos que permeiam o discurso chinês. O governo se orgulha dos benefícios que o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico apresenta para as atividades militares. Pode-se pensar numa possível nova corrida espacial. Caso surja, quem fará parte dela e qual seria seu propósito? São questões que talvez o ato final da abertura olímpica de Pequim, em 2008, ajude a responder: a nação chinesa corre a partir de e contra seu próprio passado – milenar, mas impedido; triunfante, e invadido.

Embora desafiada por alguns percalços, é rumo ao espaço que a China busca consolidar sua soberania na Terra.

## Moonshine e Trump Policy frente à estratégia norte-coreana

*Marcelle Torres*

Desde a sua ascensão à presidência, Donald Trump determinou que conteria o avanço do programa nuclear da Coreia do Norte. Em contrapartida, o presidente sul-coreano, Moon Jae-in, enfatizou que a Coreia do Sul lideraria as questões envolvendo a Península Coreana sem a dependência de países estrangeiros. Enquanto isso, Pyongyang acelerou o ritmo de seus testes de mísseis, sinalizou a intenção de testar um míssil balístico intercontinental capaz de atingir os EUA e recusou as ofertas de intercâmbio humanitário e não-governamental da Coreia do Sul.

O primeiro encontro presidencial entre Moon Jae-in e Donald Trump possibilitou a explicação de questões de segurança regional sob as perspectivas sul-coreana e norte-americana, tendo em vista as diferentes abordagens para a Coreia do Norte. Enquanto Moon estaria tentando reviver as políticas de engajamento com o Norte, o presidente dos EUA opta pela ameaça da ação militar. Com isso, se Moon conseguir convencer Trump de que a sua abordagem não é uma reprise da Sunshine Policy e que também reflete interesses norte-americanos, a aliança entre ambos tende a permanecer estável. Em todo caso, durante a cúpula, ambos os líderes se comprometeram a coordenar uma estratégia para enfrentar a Coreia do Norte.

A abordagem do presidente Moon para Pyongyang segue em duas vias: crescente pressão e busca pelo diálogo. A política externa da Coreia do Sul incorre entre o desejo de autonomia e a necessidade de aliança

com os EUA. Enquanto isso, Pyongyang mantém a sua estratégia político-militar de busca por notoriedade, reconhecimento internacional e aptidão e preparo a qualquer possível ataque contra o seu regime, tendo, inclusive, anunciado o lançamento com sucesso do seu primeiro ICBM, o Hwasong-14, no emblemático 04 de julho. O míssil alcançou uma altitude de aproximadamente 2.500 km, um voo de 37 minutos e percorreu cerca de 930 km, atingindo, mais uma vez, a Zona Econômica Exclusiva do Japão. Para o físico David Wright, codiretor do UCS Global Security Program, tal lançamento em trajetória padrão e alcance máximo poderia atingir o Alasca. Em resposta, EUA e Coreia do Sul realizaram exercícios militares conjuntos de mísseis balísticos utilizando o míssil balístico sul-coreano Hyunmoo-2 e o míssil superfície-superfície (SSM) US ATACMS em direção ao Mar do Leste. À margem do encontro do G-20 a ser realizado na Alemanha, Shinzo Abe planeja realizar conversações trilaterais Japão - Coreia do Sul - EUA sobre a Coreia do Norte.

## SUDESTE ASIÁTICO

### O terrorismo no Sudeste Asiático

*Larissa Marques e Thayná Fernandes*

Nos meses de maio e junho deste ano, o Sudeste Asiático sofreu diversos ataques terroristas. Na Indonésia, dois atentados suicidas relacionados ao Estado Islâmico (EI) ocorreram em Jacarta. Acredita-se que a polícia era o alvo, pois as forças de segurança têm sido o foco dos extremistas muçulmanos no país.

No dia 23/5, foi decretada Lei Marcial no sul das Filipinas, decisão tomada quando o Exército nacional estava à procura do líder do Estado Islâmico. Após cerca de uma semana de conflitos entre o exército e os militantes do EI, mais de 200 pessoas foram mortas. Ainda, no início de junho, 37 pessoas morreram num tiroteio em um cassino de Manila, ataque este, reivindicado pelo grupo supracitado.

Na Tailândia, ocorreram dois ataques: o primeiro, que deixou, aproximadamente, 50 feridos; e cujas suspeitas indicam que tenha sido realizado por insurgentes muçulmanos separatistas. No segundo, uma bomba explodiu em um hospital das forças armadas, localizado na capital, no dia em que a junta militar completou três anos no poder. Desde 2004, estima-se que seis mil pessoas tenham sido vítimas em causalidades como estas, no país.

Algumas das possíveis causas do terrorismo abrangem também situações sociais (altos índices de pobreza, injustiça social, etc.). Na Indonésia, o país de maior população muçulmana do mundo, apesar de um grande avanço na economia, cerca de 10% da população vive abaixo da linha da pobreza. Na Tailândia, a taxa chega a 11%, concentrados, majoritariamente, nas áreas rurais do país. Já nas Filipinas, cerca de 12 milhões de pessoas, dos 26 milhões que são considerados pobres, vivem em situação de extrema pobreza. Apesar desses números alarmantes, esses países apresentaram um bom desempenho econômico, nos últimos anos, e têm perspectivas de crescerem ainda mais em 2017.

Políticas de segurança vêm sendo desenvolvidas, mundialmente, para combater o terrorismo. Contudo, tratá-lo apenas como uma questão securitária, dissociado de ações sociais, não possibilita a transformação dessa realidade. É preciso lembrar que as religiões são fontes de esperança de uma vida melhor, gerando, em muitos casos, dedicação máxima de seus adeptos, em especial, dos mais pobres, até mesmo para atos extremos de violência.

## SUL DA ÁSIA

### A Índia e o revigoramento do Link West

*Luciane Noronha*

Entre maio e de junho deste ano, o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, realizou uma série de visitas a países da União Europeia e aos Estados Unidos. No primeiro caso, foram contemplados Alemanha, Espanha, França, Portugal e Holanda. Diversas análises apontam que tais encontros bilaterais teriam relações com a necessidade de reforçar laços com países inseridos no One Belt, One Road chinês. Todavia, esse



contexto de revigoração da política *Link West*, já abordada em outros boletins, pode ser entendido como desdobramento de questões internas da Índia.

No dia 1 de julho, entrou em vigor o Imposto de Bens e Serviços (GST, da sigla em inglês) no país sul-asiático. Com o GST, Nova Délhi espera, entre outras coisas, facilitar o ambiente de negócios para investidores externos no país. Em relatório da Comissão Europeia divulgado em junho, a Índia figura entre os países mais protecionistas do mundo, atrás apenas de Rússia, Brasil e China. A visita aos países europeus, dessa forma, visa à prospecção de novos investimentos e retomar as conversas acerca do Acordo de Livre-Comércio entre Índia e UE.

Já o encontro entre Modi e o presidente norte-americano, Donald Trump, tinha como objetivo dar continuidade ao diálogo estabelecido no governo Obama. Os EUA são o segundo maior fornecedor de armamentos para a Índia, e é onde se encontra a maior diáspora indiana, no mundo. Soma-se a isso o fato de ser um país importante para a estratégia de Délhi de contrapeso à China no Oceano Índico. Nesse sentido, está em pauta a venda de 22 drones Guardian de vigilância marítima para a Índia, um negócio acima de US\$2 bilhões.

Outro aspecto relevante foi o discurso de Trump, que aponta para o anseio pelo apoio indiano aos EUA no tocante ao Afeganistão. Trata-se de situação delicada, uma vez que a Rússia, outro parceiro importante da Índia, está envolvida. Eventos indicam que será cobrado de Nova Délhi um posicionamento em temas sensíveis, em prol da manutenção da relação amistosa com um parceiro de peso – ainda que não haja certeza sobre os ganhos reais de tal mudança de postura.

## ÁRTICO E ANTÁRTICA

### A Rota da Seda e o Ártico

Pedro Allemand

Em maio deste ano, foi anunciada ao mundo a iniciativa *Belt and Road*. Esse projeto geoeconômico pode ser caracterizado como uma tentativa de dinamização do escoamento da produção da China através de uma extensa rede de infraestrutura, buscando diminuir a dependência do fluxo de exportações do país de regiões como o Mar do Sul da China, bem como escapar da possibilidade de estrangulamento via Estreito de Málaca.

Os investimentos e os projetos relacionados à “nova Rota da Seda” já são anunciados e realizados desde o ano de 2014. Simultaneamente, uma série de medidas com relação ao uso do Ártico têm sido desenvolvidas por Pequim, como, por exemplo, autorizar e estimular o uso da Rota Marítima Norte. O foco primário da iniciativa é a Ásia Central e o Oceano Índico. Em 20 de junho desse ano, o Ártico também foi incluído na “Visão para a cooperação marítima sob a Iniciativa Belt and Road”. A Rota Marítima Norte tem papel central nessa visão, em especial por dois fatores: o aumento da navegabilidade no Oceano Ártico; e por configurar um caminho mais rápido até os mercados europeus, trazendo uma economia de até 13 dias de viagem, quando comparado com a rota via Málaca e Canal de Suez.

A inclusão do Ártico como um dos caminhos chineses traz consequências geopolíticas significativas. Em primeiro lugar, é sinal de que a cooperação sino-russa na região tende a se aprofundar, já que, além dos recursos energéticos, a RPC também passa a se interessar pela navegação da região. Em segundo lugar, coloca o Ártico na confluência dos interesses de Rússia, EUA e China. A Rota Marítima Norte passa pelo estreito de Bering e oferece acesso à Europa por águas territoriais russas. O desenvolvimento desse braço polar da estratégia chinesa certamente trará o interesse estadunidense à tona, uma vez que um dos objetivos de Washington é a livre navegação desta passagem, diferentemente da posição de Moscou.



Foto: The Wall Street Journal

- DEFENCE-IN-DEPTH - 01/07/2017  
**The Return of Gorshkov and the New Cold War at Sea** - *Por: Kevin Rowlands*
- GEOPOLITICAL FEATURES - 30/06/2017  
**The Retreat of Secularism in India** - *Por: Kamran Bokhari*
- MODERN DIPLOMACY - 03/07/2017  
**The new geopolitics and Greek perspective in the Eastern Mediterranean** - *Por: George Protopapas*
- RUSSIAN COUNCIL - 30/06/2017  
**Theses on Russia's Foreign Policy and Global Positioning (2017–2024)** - *Por: Ivan Timofeev, Andrey Kortunov e Sergey Utkin*
- BBC NEWS- 03/07/2017  
**Nigeria's Igbo leaders reject call for Biafra state**
- PROJECT SYNDICATE - 28/06/2017  
**The Changing Geopolitics of European Emotion** - *Por: Dominique Moisi*
- DW - 04/07/2017  
**Germany: Far-right violence and Islamist threat on the rise** - *Por: Ben Knight*
- EL PAIS - 30/06/2017  
**La Alianza del Pacífico entra en una nueva fase de expansión** - *Por: Francesco Manetto*
- DEFENSE NEWS - 03/07/2017  
**Netanyahu on Israel: A 'mighty aircraft carrier' of the US** - *Por: Barbara Opall-Rome*
- THE ATLANTICS - 28/06/2017  
**Writing the Rules of Cyberwar** - *Por: Alyza Sebenius*

**[Ao clicar sobre os títulos das reportagens, abrem-se os respectivos links]**

Participamos aos nossos leitores que todos os Boletins anteriores estão disponíveis na página da Escola de Guerra Naval na internet no seguinte endereço:

<<https://www.egn.mar.mil.br/boletimgeocorrente.php>>

Nesse link também é possível cadastrar seu email para que passe a receber sempre nosso Boletim.

- **Paraguai: Fronteira e Narcotráfico**  
BADRI-MAHARAJ, Sanjay. *Paraguay's Military: Internal Security Challenges vs Bloc Obsolescence*. IDSA Issue Brief. 12 de junho de 2017. Disponível em: <[http://www.idsa.in/issuebrief/paraguay-military-internal-security-challenges\\_sbmarahaj\\_120617](http://www.idsa.in/issuebrief/paraguay-military-internal-security-challenges_sbmarahaj_120617)>. Acesso em 30 de junho de 2017.  
TELEMUNDO. Polícia uruguaya en alerta por posible ataque del Primeiro Comando da Capital, 1 de junho de 2017. Disponível em: <<http://www.teledoce.com/telemundo/policiales/policia-uruguaya-en-alerta-por-posible-ataque-del-primeiro-comando-da-capital/>>. Acesso em 30 de junho de 2017.
- **O recrudescimento violento na Venezuela de múltiplas crises**  
ELLSWORTH, Brian ; GUPTA, Girish. *Venezuela movie actor behind helicopter attack on government buildings*. Reuters, World News, 29 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-venezuela-politics-actor-idUSKBN19J2EZ>>. Acesso em: 04 jul. 2017.  
GARCÍA, Jacobo ; LAFUENTE, Javier. *Así se gestó el fracaso de la condena a Venezuela en la cumbre de la OEA*. El País Internacional, 25 jun. 2017. Disponível em: <[https://internacional.elpais.com/internacional/2017/06/24/mexico/1498315118\\_075145.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_CC?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_CC](https://internacional.elpais.com/internacional/2017/06/24/mexico/1498315118_075145.html?id_externo_rsoc=FB_CC?id_externo_rsoc=FB_CC)>. Acesso em: 04 jul. 2017.
- **Estados Unidos e Cuba, na Era Trump**  
TULCHIN, Joseph S. *Fim da hegemonia e a evolução do protagonismo*. In: \_\_\_\_\_. América Latina X Estados Unidos: uma relação turbulenta. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 191-213.  
Tv Publica noticias- *Trump e sus relaciones con América Latina*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B0bVTId4TvU>>. Acesso em: 01/07/2017.
- **Entre a Bíblia e o Corão, República Centro-Africana vive catástrofe étnica**  
MELLGARD, Emily. *What is the Seleka?* Religion and Geopolitics. 29 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.religionandgeopolitics.org/s-1-ka/what-seleka>>. Acesso em: 01 jul. 2017  
*Central African Republic warring factions sign peace accord to end conflict*. Disponível em: <<http://www.africanews.com/2017/06/19/central-african-republic-government-and-13-out-of-14-armed-groups-sign-church/>>. Acesso em: 01 jul. 2017
- **Da Líbia à Itália, a crise migratória**  
SQUIRES, Nick. *More than 8,000 migrants rescued in Mediterranean and brought to Italy over Easter long weekend*. The Telegraph. Rome. 18 abril 2017. Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/2017/04/18/8000-migrants-rescued-mediterranean-brought-italy-easter-long/>. Acesso em 25 mai. 2017  
*Arrival of migrants in April: Italy higher than year ago, numbers in Greece drop*. Frontex. 16 maio 2017. Disponível em <http://frontex.europa.eu/news/arrival-of-migrants-in-april-italy-higher-than-year-ago-numbers-in-greece-drop-4MeK0Z>. Acesso em 24 mai. 2017
- **Crise no Golfo: impactos de um isolamento ao Catar**  
*Iran, Qatar sign defense cooperation agreement*. Tehran Times, 25 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.tehrantimes.com/news/214868/Iran-Qatar-sign-defense-cooperation-agreement>. Acessado no dia 30 de junho de 2017.  
LENDON, Brad. *Qatar hosts largest US military base in Mideast*. CNN, 6 de junho de 2017. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/06/05/middleeast/qatar-us-largest-base-in-mideast/index.html>. Acessado no dia 1 de julho de 2017.
- **União Europeia: o embrião de uma defesa mais autônoma**  
The Associated Press. *EU nations to boost joint military equipment acquisition*. 23 de junho de 2017. Acesso disponível em: <http://www.defensenews.com/articles/eu-nations-to-boost-joint-military-equipment-acquisition>  
ABROMAITIS, Adomas. *Europe Between Two Fires*. OpEd. 30 de junho de 2017 Acesso disponível em: [http://www.eurasiareview.com/30062017-europe-between-two-fires-oped/?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Feed%3A+eurasiareview%2FVsnE+%28Eurasia+Review%29](http://www.eurasiareview.com/30062017-europe-between-two-fires-oped/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+eurasiareview%2FVsnE+%28Eurasia+Review%29)
- **O “Seaborn Assault” e a Frota do Pacífico russa**  
SIMHA, Rakesh Krishnan. *Russian Pacific Fleet's resurgence sets off alarm bells in Washington*. Russia Beyond The Headlines, [s.i], 6 fev. 2017.  
TEAM from the Far East Military High Command School won the all-Army stage of the “Seaborne assault – 2017” contest on the Pacific Ocean Fleet. Ministry Of Defence Of The Russian Federation, [s.i], v. 1, n. 1, p.1-3, 30 jun. 2017. Disponível em: <<http://eng.mil.ru/en/structure/okruga/east/news/more.htm?id=12131586@egNews>>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- **A China e sua corrida espacial**  
BLANCHARD, Ben. *China Prepares First Manned Mission to the Moon*, Reuters, 07 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/asia/china-moon-landing-manned-mission-space-exploration-programme-lunar-programme-a7776566.html>>. Acesso em: 18 jun. 2017.  
CEPIK, Marco. *A Política da Cooperação Espacial Chinesa: Contexto Estratégico e Alcance Internacional*. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 81-104, nov. 2011.
- **Moonshine e Trump Policy frente à estratégia norte-coreana**  
MOUNT, ADAM. *How to Put the U.S.–South Korean Alliance Back on Track*, Foreign Affairs. 28 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2017-06-28/how-put-us-south-korean-alliance-back-track>>. Acesso em: 01 jul. 2017.  
LEE, Carol E., MAULDIN William, STOKOLS Eli. *Trump and South Korea's Moon Assert Unity Against North Korea*, The Wall Street Journal. 30 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/trump-meets-south-koreas-moon-jae-in>>

- [calls-for-new-trade-deal-1498836731](#)>. Acesso em: 01 jul. 2017.
- **Terrorismo no Sudeste Asiático**  
*Estado Islâmico reivindica duplo atentado suicida na Indonésia*. Diário de Notícias. 26 mai. 2017. Disponível em: <<http://www.dn.pt/mundo/interior/movimento-extremista-estado-islamico-reivindica-duplo-atentado-suicida-na-indonesia-8508556.html>> Acesso em: 18 jun. 2017.  
 WORLD BANK. *Poverty & Equity*. Disponível em: <<http://povertydata.worldbank.org/poverty/country/BRA>>. Acesso em: 02 jun. 2017
- **A Índia e o revigoramento do Link West**  
 COMISSÃO EUROPEIA. *Report From the Comission to the European Parliament and the Council on Trade and Investment Barriers*, 23 de junho de 2017. Disponível em: [http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2017/june/tradoc\\_155642.pdf](http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2017/june/tradoc_155642.pdf). Acesso em: 30/06/2017.  
 REUTERS. *India eyes breakthrough on U.S surveillance drones ahead of Modi trip*. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/india-usa-idUSL3N1JH45O>. Acesso em 30/06/2017.
- **A Rota da Seda e o Ártico**  
 SOUKAS, Janne. *China adds Arctic sea route to its Silk Road plan*. Disponível em: <http://gbtimes.com/.../china-adds-arctic-sea-route-its....> Acesso em 21/06/2017  
 CHINA. *Vision for Maritime Cooperation Under the One Belt, One Road Initiative*. Disponível em: [http://news.xinhuanet.com/english/2017-06/20/c\\_136380414.htm](http://news.xinhuanet.com/english/2017-06/20/c_136380414.htm). Acesso em 27/06/2017.